

O PROTAGONISMO DA LEITURA EM DIFERENTES CONSTRUÇÕES DE PENSAMENTOS

Nilceia Gonçalves Cáceres (UEMS)

nilceiacaceres@gmail.com

Lucilo Antônio Rodrigues (UEMS)

lucilo@uems.br

Roziléia de Oliveira Sales (UEMS)

rozileiasales@gmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

RESUMO

O conteúdo deste artigo compõe dos vários saberes de ações direcionadas pela leitura, esta perfaz um caminho diversificado que interage agentes como: autor, texto e interlocutor, que não terá os mesmos pensamentos dos citados; haja vista que se configuram de construções empíricas e científicas das práticas de conhecimentos de encontros e de disparidades que a mesma nos proporciona, está ainda interligada ao conhecimento de mundo vivenciado pelo leitor. Desta inserção entre cultura e conhecimentos, percorremos um universo dialógico entre leitor, textos e autores. Vincent Jouve, em *A leitura*, nos apresenta como dimensões: afetiva, simbólica, argumentativa, cognitiva e crítica. Por compreensão *Do mundo da leitura e da leitura do mundo*, Lajolo esclarece a importância desse protagonismo que incita a ação de sujeito pensante, junto aos passos da docência nos contextos pedagógicos. Para melhor compreensão crítica, buscamos os pensares de Ezequiel Theodoro da Silva, em *Crítica e leitura*, que apresenta a leitura para o crescimento intelectual, direcionando saberes que possibilitem a expressão escrita advinda de quaisquer classes, desmistificando assim as de melhor nível aquisitivo como únicas sabedoras e/ou credoras capacitadas de aprendizado. Para tanto, tal estudo ainda vem a apresentar a visão de Paulo Freire em: *A importância do ato de ler*, que em suas experiências alfabetizadoras – reforça a ação da leitura como “mola propulsora” das estratégias desenvolvidas de sua própria vivência da leitura da palavra que vem antes da leitura de mundo. Consideramos a importância deste trabalho a respeito das distintas possibilidades que a leitura nos proporciona, aquelas que não vêm de encontro aos nossos saberes e pensares, de contextos letrados, que acreditamos serem os únicos.

Palavras-chave:

Construções. Diversidade. Leitura. Pensamentos. Protagonismo.

ABSTRACT

The content of this article consists of several knowledges of actions directed by reading, this makes a diverse path that interacts agents such as: author, text and interlocutor, who does not have the same thoughts cited; considering that a set of empirical and scientific constructions of the practices of knowledge of meetings and disparities that it gives us, it is still linked to the knowledge of the world experienced by the reader.

This integration between culture and knowledge, we have come a dialogic universe between reader, texts and authors. Vincent Jouve in *Reading* presents to us as dimensions: emotional, symbolic, cognitive, argumentative and critical. By understanding *The world of reading and reading of the world*, Lajolo explains the importance of the role that encourages the action of thinking subject, along with the steps of teaching in educational contexts. For better understanding, we seek the critical thinking of Ezequiel Theodoro da Silva in *Criticality and Reading*, which presents the reading for the intellectual growth, directing knowledges that allow the written expression arising out of any classes, thus demystifying the best purchasing level as only knowing and/or creditor scapable of learning. So, this study has come to present the vision of Paulo Freire: *The importance of the act of reading* in their experiences alfabetizadoras – reinforces the action of reading as “motivation” of the strategies developed their own experience of reading the word that comes before the reading of the world. We see the importance of this work in respect of the distinct possibility that the reading gives us, those who do not come to meet our knowledge and thinking, of contexts scholars who believe that they are the onlyones.

Keywords:

Constructions. Diversity. Protagonism. Reading. Thoughts.

1. Introdução

A leitura preconiza várias tendências de pensamentos. Nela se desenvolve a confirmação do ser em sua cultura e em seu conhecimento. Na prática social, poderemos autenticar nossa existência em nosso cotidiano, em particular, de vivência e do imaginário, este; discorre das várias condições, apresentadas no universo criativo do autor, da obra – propriamente dita – e ainda do cotidiano que perfaz o leitor.

Na dialogicidade tríplice dos agentes: criador, receptor e do produto há um ou mais falares, contudo, vários entenderes; neste pressuposto, confere-nos acrescentar o quão nos importa elencar avivência do interlocutor e nessa construção de mundo, concomitantemente, dever-se-á ocorrer a ligação do conteúdo centralizado no científico e daí, concretizar e apontar com a capacidade de ensino e de aprendizado que farão mais sentido aquilo que se lê e para quem o lê; encaminhando assim, para o resultado esperado pelo autor da obra ou que ultrapasse a perspectiva deste.

Em se tratando de estabelecer a condição de sentido ao leitor, citamos não aquele que somente codifica a língua escrita, mas aquele que adquirirá o que se espera de um bom leitor; a criticidade. Nesta prática de leitura seguirá naturalmente a aprendizagem, por assim dizer, proporcionará a visão mais simplificada do contexto particular que fluirá habilidades argumentativas com proficiência de conteúdo.

Este artigo encaminha-se a importância diversificada da leitura em variados contextos que nos passam a ter mais sentido naquilo que lemos, tais estudos, aqui apresentados; reforçam e fomentam o papel desta em alguns momentos que nos possam parecer complexos: seja por insuficiência leitora cognitiva ou por falta de credibilidade daquilo que se tem vivenciado. Essa concepção de cultura, que embora enraizada, contrapõem aos fatos e nos condiciona ao posicionamento do papel de cidadão, externa a linha de sujeitos pensantes, neste caso, atuantes na sociedade; que aprimora não como seres receptores – aqueles que reproduzem um conhecimento apenas, mas como protagonistas de experiências das mais distintas aprendizagens.

2. *Leitura, leitor e obra literária*

Da leitura carece-nos acrescentar – em primeiras linhas – aquela de nosso nascer, em que se percorre a luminosidade do ambiente e essa claridade nos é percebida sensorialmente do desapego, do aconchego, da acomodação ao estarmos convictos da segurança do ventre materno. Desta primeira impressão de mundo, acerca-nos o lado acarinhado de nossa genitora. O acolhimento desta perfaz uma trilha que nos faz sentirmos, novamente, protegidos e confiantes daquele calor humano no qual resultará em plena harmonia. E nessa leitura que recorremos, a afirmação expressa por Martins (1988):

[...] ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo. (MARTINS, 1988, p. 12)

Neste momento, cabe nos acrescentar o que a realidade vivida acrescenta em nossa leitura: aquela que ainda não está registrada em linguagem verbal escrita, mas daquela que ficou canalizada pela outra: a não verbal, que neste caso, infere-nos a forte influência da leitura de mundo. A partir desta pessoalidade que entendemos a nossa primeira compreensão pois retrata nossa interpretação das várias facetas que identificamos como as que nos insere existenciais para o qual seguiremos no universo do conhecimento e da cultura. Neste momento, estará de encontro à maturidade de nossas atitudes, de nosso desenvolvimento criativo e real; ocasionarão aprendizados para a trajetória de mundo, das nossas particularidades, das novas visões, nos permitirá uma criticidade no ato de ler. Assim nos é definido por Freire (1982):

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a poste-

rior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1982, p. 9)

Certamente, a leitura transfere a multiplicidade das ações e reações do imaginário ao factual, ao empírico. Tudo o que se interage com nossa existência está cercada da experiência leitora do que se internaliza da escrita e da condição atuante que terão como resultado a realidade de nossos pensamentos. Ao organizarmos as ideias percorremos nossas experiências, nossa capacidade de articulação do que memorizamos, selecionamos em blocos nossos melhores conceitos que fundamentarão o fator avaliativo do que se lê, o que virá a transformar nossos conceitos, nossas valorizações, nosso ideal de conduta em sociedade. Martins (1988) nos reforça tais atitudes ao conferir-nos que:

[...] Sem dúvida, a concepção que liga o hábito de leitura apenas aos livros deve muito à influência, persistente ao nosso sistema educacional, de uma formação eminentemente livresca e defasada em relação à realidade [...] (MARTINS, 1988, p. 27)

Neste percurso há de acrescentarmos o que nos reforça sobre a importância, o que nos revela sobre a quantidade de textos: devem ser compreendidos, não memorizados mecanicamente ou ocasionarão de leituras de palavras escritas sem as interpretações precisas. A este informativo nos decorre da limitação, da repetição contínua do que se fixou, não daquilo que se adquiriu e que, eventualmente, servirá para extrair e expandir ao ato de compreensão do aprendizado esperado.

E quanto ao estudo da leitura? Este desencadeou-se com o enfraquecimento das abordagens estruturalistas, deveu-se da renovação de novas perspectivas dos textos literários no ano de 1980 (JOUVE, 2002). Mediante esta tendência, com a evolução da linguística, decorreu-se da importância dos textos pragmáticos em que analisa como os locutores desenvolvem a linguagem:

É evidente, portanto, a influência da pragmática sobre o estudo dos textos. Se no falar cotidiano a linguagem procura sempre produzir um efeito, esse fenômeno só pode ser exacerbado numa obra literária na qual a organização dos termos deve muito pouco ao acaso. Assim, entender uma obra não se limita a destacar a estrutura ou relacioná-la com seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é necessário analisar. (JOUVE, 2002, p. 13)

Ora, o que se tenciona desta análise é acrescentarmos que a leitura está, intrinsecamente relacionada à visualização, as funções do cérebro e dessa estrutura decorre a compreensão e a interpretação. O olhar de um leitor não percorrerá da mesma visão do universo do escritor ou ainda, de

outro leitor. A capacidade atingida o será parcial, primeiro, andará a passos leves, tímidos, para que se chegue ao topo da concepção pretendida. Neste momento, lembremos da bagagem de conhecimento carregada por cada agente dessa ação e tudo só fruirá para o esperado ao se descobrir do processo contínuo da leitura que estará guiada para a projeção mais clara do conhecimento, ou seja, da prática adquirida, daí que resultará a aspiração alcançada. Na dialogicidade entre os sujeitos: criador, leitor, obra, JOUVE (2002) apresenta-nos dimensões: cognitiva, afetiva, argumentativa e simbólica; estas levantam os seguintes aspectos:

1. Do processo cognitivo:

Há a necessidade de o leitor ter um saber mínimo, a competência exigida está entre “progressão” e compreensão” serão as mais distintas possíveis. Neste caso, o agente se sacrifica da progressão das narrativas (policiais e aventuras), que implicarão em leitura mais complexas. Tudo ocorrerá devido ao fator interpretativo, haverá um esforço de entendimento da abstração textual. O leitor terá certa familiaridade, prazer do conhecimento o que lhe conferirá relações cognitivas -afetivas por toda a sua descoberta ocasionada pela leitura.

2. Do processo afetivo:

Nesse processo, o leitor estará ligado as emoções, as reflexões. A ficção estará envolta de suas identificações, particularidades, no despertar de seus mais profundos quereres; o que lhe causará interesse em especial situada a sua conduta no universo e isto irá reforçar seu posicionamento na existência humana o que reascenderá de sua importância, como ser atuante.

3. Do processo argumentativo:

O texto terá ‘intenção ilocutória’, na qual surtirá a probabilidade de acrescentar mudanças aos conceitos do destinatário, seja pela comunicação escrita ou falada, perpassará por todo o contexto narrativo a intenção de convencer seu discurso. A dimensão argumentativa tenta inserir ao leitor um constante diálogo que trace questionamentos em tom mais aberto as discussões interagindo com o texto e com o autor.

4. Do processo simbólico:

Em relação a esta dimensão, ficará claro o resultado daquilo que se adquiriu dos argumentos lidos, textos históricos fazem partedeeste processo. Ao acrescentar a situação imediata do que se compreendeu do con-

teúdo cognitivo e estar reiterado ao contexto cultural do leitor, quanto a este aspecto; o destinatário poderá alargar seus conhecimentos com o coletivo que o cerca isto ocorrerá de maneira mais eficaz, clara e objetiva fazendo o papel de transformação social esperado por aquele que terá melhor preparação, modificando a sociedade.

Observamos que a dialogicidade estampa em diversas áreas de pensamentos, resultam variados leitores que procuram por diferentes conhecimentos em lugares e suportes distintos daquilo que lhes proporcionará a atuação de sujeitos pensantes e compromissados com as várias tendências ideológicas da leitura para sua evolução cognitiva e até mesmo pelo gosto que ela nos confere e nos torna atuantes em sociedade.

Quando nos ocasionou elencar as diferentes dimensões dialógicas de Jouve, coube-nos ainda acrescentar esta que não menos importantes que não deixaríamos de citar: a criticidade da leitura, e, nesse ponto, buscamos a concepção de Ezequiel Theodoro da Silva. Dentro desse aspecto, o autor nos confere a legitimidade de quem processa, analisa, questiona e se identifica diante dos fatos, atividade desenvolvida com a clientela do Ensino Fundamental II, não se faz um papel de espectador; mas de protagonista. Confere o papel de leitores àqueles em condição econômica, que possuem acesso à cultura e não tendo hábito de ler ainda lhe é conferido o status de leitor (SILVA, 2009).

A ascensão creditada, por meio da leitura, às minorias não se pretende da busca para auxiliar o coletivo, antes porém, para se dar o devido valor de deixar a condição a que está, desde que se adeque aos padrões novos de vida. Da ideia de mudança da prática social, cabe-nos reforçar o quanto é difícil construir um leitor que tenha uma visão crítica. Nesse ponto, esbarramo-nos no capitalismo, em propagandas de massa que tratam de consumo exagerado, do distanciamento da globalização que descredencia a importância da cultura (SILVA, 2009).

Se acrescermos ao propósito da leitura como representatividade principal do crescimento humano, recordemos ainda que embora se faça uma ação pedagógica no ambiente escolar, inicialmente, daquelas vivenciadas e aprendidas em família, no cotidiano de cada um de nós, assim, o que se compreende da leitura ainda está estampada no sucesso e insucesso em saber ler a palavra, sem compreensão desse processo Martins acrescenta:

[...] Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender

Nessa esfera de pensamentos, entre a construção de mundo e o que se vincula do pedagógico, este último acaba por prevalecer como mais valoroso, como o que cada cidadão compreende, por ocasião de conceitos externados na sociedade. A criticidade neste momento, precisa reforçar sua posição para mostrar o sujeito como pensante, ativo na estrutura social. Não bastará apenas apresentar aquele leitor que saiba ler com leveza verbal, urge a necessidade de compreensão clara do conteúdo. Deverá apresentar uma visão produtiva, com autonomia na construção da capacidade crítica leitora, assim, Silva (2009) afirma:

[...] As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente; precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelas escolas para que os estudantes, desde as séries iniciais, desenvolvam atitudes de questionamento perante os materiais escritos. (SILVA, 2009, p. 28-9)

O desenvolvimento da criticidade necessita da atuação do educador que buscará, em sua competência leitora, caminhos que possibilitem um aprofundamento do conteúdo que venham a gerar a formação do leitor ávido em seus conhecimentos e pré disposto a questionar, se posicionar diante de seu aprendizado. É importante lembrar que o que irá gerar essa criticidade será o elo entre a referência do que adquiriu no ambiente escolar e daquilo que vivenciou até o momento, e, só assim fará sentido e efeito seus pensamentos e atitudes.

O que se pretende então ressaltar seriam as práticas desenvolvidas em sala de aula: a leitura em voz alta que dá ampla ideia de que no momento dessa ação, o aluno é merecedor de atenção, silêncio. Da prática coletiva não se espera nada diferente de continuar de “onde parou”, essa ação mecanizada é interrompida a cada palavra não reproduzida tal como a da escrita, isso ocasiona da correção imediata do educador, por vezes, do outro educando. Percebemos nesse instante que tornar-se-á essa prática corriqueira à medida que o texto é “lido”, ou seja, apenas reproduzido em voz alta, sem se ater à busca da compreensão daquilo que deveria ser, propriamente, aprendido e se expandido por uma interpretação individual para os interlocutores, ou destes como um todo, seja no ambiente escolar ou de sua comunidade. Silva (2009) assim esclarece:

[...] Dessa forma, reforça-se ainda mais a necessidade das práticas de leitura crítica nas escolas, principalmente, aquelas voltadas ao desmascaramento da ideologia e da análises referenciais de mundo, conforme evocados pelos textos das várias disciplinas do currículo. (SILVA, 2009, p. 26)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O leitor que absorver a criticidade, percorrerá dentro dos vários gêneros textuais (em suas estruturas, em seus conteúdos), adequar-se à leitura com mais maturidade, com vocabulário mais preparado, com argumentação mais clara. Deverá assim, mostrar melhor posicionamento de compreensão, com autonomia, perspicácia não se permitindo aceitar tudo que lhe é dito sem antes considerar o domínio do que se leu, ouviu e extraiu de conhecimento. A esse pressuposto, Silva (2009) nos reforça a respeito das disciplinas curriculares:

O conhecimento e o aprofundamento de diferentes interpretações ou versões sobre um mesmo tema, conforme apresentados em diferentes textos, assumem importância vital no processo do leitor crítico à medida que lhe permitem comparações e julgamentos das ideias veiculadas por fontes diversas devidamente pesquisadas e analisadas no transcorrer de um curso. (SILVA, 2009, p. 31)

Convém lembrarmos que o leitor crítico, nesta vertente, estará pré disposto a questionar e acrescentar seus argumentos em todos os momentos necessários e buscará tal posicionamento sustentado na construção de diversos pontos de vista em que o condicionaram na veracidade daquilo que defende, dos estudos, dos assuntos em que pesquisou e se aprofundou, ao longo do processo pedagógico emparelha o seu conhecimento de mundo.

Em decorrência dessa atividade, processa a transformação deste para o todo, o que o fará como ser atuante, o pensante; o que se esperava de um passivo, empreende o inverso da formação de cidadão no contexto social. Na área da leitura, as teorias clássicas em interação dos textos com o leitor, teoriza três momentos: o ler as linhas, o ler nas entrelinhas e o ler para além das linhas, esta última, caracteriza melhor a interlocução de um leitor crítico (SILVA, 2009).

A incorporação desta última teoria vem a reforçar o papel exato do que se espera do leitor crítico, pois, a este se destina a busca do conhecimento, da compreensão e das informações necessárias do conteúdo lido, ao adentrar no contexto deverá atingir o papel social e da condição do texto, assim não se descuidará em pesquisar e aperfeiçoar do conteúdo, isto é, resultará a competência leitora esperada, o domínio de sua maturidade percebe-se pelo discurso e postura diante do que se aprimorou ao longo de seu aprendizado.

Consideremos neste ponto a leitura literária, esta nos direciona ao papel crítico que nos permite criar nosso mundo que percorre sobre o universo ficcional do escritor, este pleno de inspiração que nos capacita de

linguagens metafóricas, permite-nos adentrar num imaginário de verosimilhança, dentro dessa particularidade, somamos as capacidades de culturas, de produções e fruições de diferentes vertentes de conhecimentos, quanto a este precedente: o texto deve dar sentido ao mundo ou não terá nenhum sentido (LAJOLO, 1994).

3. Considerações finais

A leitura é desenvolvida por necessidade, por lazer, por busca de firmação como cidadão atuante, lemos por sentirmos capazes de criar e recriar – nos a cada situação. Diariamente, buscamos nosso espaço, pretendemos reforçar nossas concepções, pessoalidades daquilo que acreditamos, essa credibilidade é gerada de nossa vivência, de nosso aprendizado no mundo, nos bancos escolares, naquilo que buscamos como referências.

Esse artigo apresenta alguns dos conceitos que envolvem o ideário da leitura. Jouve nos amplia em quatro teorias sobre leituras que tratam das expectativas de cada leitor, Silva acrescenta- nos a importância da criticidade- reforçando assim- o papel transformacional que nos cabe do resultado de nossas escolhas, de um bom texto. Martins acarreta ainda a importância do conteúdo pedagógico para com a funcionalidade que precisamos na escola, neste sentido; Lajolo esclarece o quão é importante acrescentarmos que o texto deve ser construtivo e promissor para quem o cria bem como para quem o lê, pois, seu papel está além da leitura de palavras, além disso, Freire nos apresenta que o que nos faz sentido dessa leitura de mundo, que deve antes ter importância para o leitor será da mudança deste como um todo e por questão disso que a ação pedagógica deve ser mudada.

Na condição do crescimento intelectual e de argumentação na sociedade como sentido amplo, a mudança se estenderá para a melhor compreensão de si e do coletivo, e somente neste momento é que o ideal de se produzir em sociedade fará sentido ao leitor ativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, PAULO. *A importância do ato de ler: em três artigos que completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Paulo: Ática. 1994.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Criticidade e leitura: ensaios*. São Paulo: Global, 2009.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Trad. de Brigitte Hervat. São Paulo: Unesp, 2002.